

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES E  
FACULDADE INTEGRADA AVM  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”**

**PSICOMOTRICIDADE**

**A APLICABILIDADE DA PSICOMOTRICIDADE  
RELACIONAL**

**Por: Hyeres Maria Pereira Caldas dos Santos**

**Orientador  
Maria Esther de Araujo Oliveira**

**Rio de Janeiro  
2011**

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES E  
FACULDADE INTEGRADA AVM  
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”**

## **PSICOMOTRICIDADE**

### **A APLICABILIDADE DA PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL**

**Apresentação de monografia à Universidade  
Candido Mendes como condição prévia para a  
conclusão do Curso de Pós-Graduação “Lato  
Sensu” em Psicomotricidade.**

**Por: Hyeres Maria Pereira Caldas dos Santos**

**Rio de Janeiro  
2011**

## AGRADECIMENTOS

### À VISÃO HOLÍSTICA

*“Porque assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros sendo muitos constituem um só corpo....para que não haja divisão no corpo, mas antes, tenham os membros igual cuidado uns com os outros....” São. Paulo - (Epistolas de S. Paulo aos Corintios, 12,12) :*

*“Podemos afirmar definitivamente, com base em investigações estritamente empíricas, que a pura e simples inversão de nossa ênfase analítica do universo, separando componentes constituintes como peças, para proceder de maneira inversa, unindo o que foi cortado em pedaços - seja na realidade ou tão só em nossa mente, - não pode explicar por si só o comportamento sequer do mais elementar sistema vivo.” Paul Weiss*

## **RESUMO**

O presente trabalho traz um breve histórico da Psicomotricidade, com foco na trajetória e no desenvolvimento da Psicomotricidade Relacional concebida por André Lapierre e seus colaboradores, na década de 60, praticada por educadores, reeducadores e terapeutas em geral, sendo a esfera pedagógica seu maior campo de atuação, privilegiando a comunicação verbal espontânea, mas, principalmente, a não verbal, através do corpo, da corporeidade onde o conteúdo simbólico, a vivência simbólica dos conflitos mais profundos, o conteúdo inconsciente é “comunicado”, é trazido, é desvendado, permitindo, assim, a criança e, em especial, ao portador de necessidade educativa especial e/ou dificuldade de aprendizagem, revelar suas dificuldades relacionais auxiliando na superação das mesmas. Desta forma, atuando positivamente nos fatores psico-afetivos relacionais, tendo como incremento a criação de um espaço de liberdade, propício aos jogos e brincadeiras, para atuarem como facilitadores no processo de manifestação e exteriorização dos conflitos internos, a Psicomotricidade Relacional atua de maneira direta nas dificuldades de adaptação escolar e social.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho adotou como procedimentos metodológicos a pesquisa exploratória bibliográfica sobre o tema proposto, tendo como principais autores: Vitor da Fonseca; Lapierre e Aucouturier; Pierre Weill; D.W.Winnicott; Jean Piaget; André Lapierre; Ajuriagerrua, a leitura de trabalhos acadêmicos impressos, e em mídia eletrônica, além da coleta de informações através de artigos, documentários, resenhas e publicações, disponíveis em mídia eletrônica, tais como os sítios: BP; Espaço Néctar; Sala Educativa; Artigonal; Educacional; Soartigos, entre outros.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPITULO I ORIGEM HISTÓRICA DA PSICOMOTRICIDADE	7
1.1 principais teóricos e fundamentos	12
CAPITULO II A PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL	22
2.1 percussores e concepções teóricas	22
2.2 o advento	25
2.3 a difusão e radicação no Brasil	27
2.4 definições/conceitos/compreensões	28
2.5 o brincar	32
2.6 principais áreas de atuação	33
2.6.1 no ambiente escolar	34
2.6.2 no ambiente empresarial	35
2.6.3 no ambiente da clínica	36
CAPITULO III PSICOMOTRICIDADE CLÁSSICA E A RELACIONAL	38
3.1 origem e cisão	38
3.2 principais características diferenciais	39
CONCLUSÃO	40
BIBLIOGRAFIA	43

## **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tendo como tema central a globalidade corporal e traz por objetivo abordar a história e o desenvolvimento da psicomotricidade, com foco na psicomotricidade relacional, sua definição, conceitos e seu desenvolvimento.

O mesmo é baseado em uma análise com enfoque teórica a respeito do tema Psicomotricidade Relacional, pesquisando sua origem, seus respectivos estudos e aplicabilidade, contribuindo com a aquisição de conhecimento necessário para aqueles que buscam compreender o movimento corporal humano no contexto terapêutico, notabilizando a relação do indivíduo com o mundo, através de seus movimentos corporais, revelando ser imperativo que a corporeidade seja vista e entendida em toda sua dimensão e complexidade.

A importância do tema fundamenta-se na percepção de uma crescente inquietação, ansiedade e intranquilidade emocional das crianças, típicas e características de uma vida moderna, vivida em grandes centros urbanos, cujas influências diretas e indiretas na estrutura familiar e escolar, vêm diminuir os espaços necessários a uma vida infantil liberta e criativa – sem que haja um suporte pedagógico/psicológico abrangente, global, que considere todas as possibilidades utilizadas pela criança para se comunicar e se fazer entendida.

Deste modo, o intento da presente pesquisa é ressaltar a valia de uma visão mais sistêmica mais holística do Ser, visão esta presente na psicomotricidade relacional, uma vez que não se limita a interpretar a corporeidade com vistas apenas aos fins pedagógicos diretos, mas, sim, como sendo uma expressão ampla na qual podemos buscar e encontrar os fatores psico-afetivos relacionais que, diante de uma atuação positiva, vão possibilitar uma integração significativa entre o agir, o sentir, o pensar, definindo uma nova relação, principalmente, das crianças consigo mesmas, com outras pessoas e com os objetos.

# CAPÍTULO I

## ORIGEM HISTÓRICA DA PSICOMOTRICIDADE

O corpo humano em sua forma e movimento é estudado, analisado, cultuado desde à Antiguidade.

Os registros históricos nos sugerem a Grécia como a civilização antiga que mais importância dava ao corpo físico. A veneração dos grecoromanos ao corpo chega ao ponto de delegarem, há cerca de 2.500 anos a.C., a beleza física e estética importância igual ao intelecto, pensamento este traduzido na frase “mens sana in corpore sano” (mente saudável em corpo são).

A demonstração do culto ao corpo podia ser visto nas obras de arte tão bem produzidas, tendo sempre uma exposição grandiosa em lugares de importância e públicos.

Já quando adentramos a esfera filosófica da época, temos o corpo sendo visto e estudado sob outra ótica, qual seja, a de uma das partes da engrenagem, da organização do Ser Humano.

Nesta esfera filosófica a dicotomia entre corpo e alma é clara e objetiva, cabendo ao corpo o “papel” de um organismo a ser usado pela Alma, essa sim, revelando condição de superioridade, de comando, o status da eternidade, a representante do Ser pensante.

Inseridos neste contexto temos, na era pré-cristã, Sócrates (470 ou 469 a.C) e Platão (427-347 a.C) com a imortalidade da alma, restando ao corpo o lugar transitório da alma imortal. Aristóteles (384-322 a.C) vendo o Homem como um Ser formado inseparavelmente pelos elementos matéria e forma, sendo o corpo a matéria moldada pela alma, a forma, sendo esta a responsável pelos movimentos corporais.



O entendimento de Sócrates, o qual não se tem conhecimento de nenhum registro feito pelo próprio, e o de Platão, podem ser constatados através dos registros deixados por Platão, como em sua obra filosófica “Fédon” escrita em forma de diálogo através da qual relata os últimos ensinamentos do filósofo Sócrates, seu grande inspirador.

*“ (...)Ao que parece, enquanto vivermos, a única maneira de ficarmos mais perto do pensamento, é abstermo-nos o mais possível da companhia do corpo e de qualquer comunicação com ele, salvo e estritamente necessário(...)” (Platão Fédon parte XI)*

Quanto a Aristóteles, discípulo de Platão, a questão corpo-alma não é concebida da mesma forma que a do “mestre”, uma vez que não entende o corpo como uma prisão, um entrave da alma, para o filósofo há uma composição entre corpo e alma, e que as diferenças existentes entre os corpos não afetam a alma, a essência, contudo, não se afasta do dualismo reinante a respeito do tema entendendo a relação corpo e alma como uma relação matéria e forma, sendo a alma a forma do corpo, e este é a matéria da alma, como pode ser verificado em trecho de sua obra “Sobre a Alma” (De Anima em grego).

*“(...)não é preciso investigar se é algo uno a alma e o corpo, assim como tampouco a cera e a figura (...)” (Aristóteles c.350 a.C - II 1 412b6-7)*

*“Por isso, é razoável que ela tampouco seja misturada com o corpo: pois, caso contrário, ela se tornaria de uma certa qualidade determinada, ou fria ou quente, ou até mesmo lhe haveria um órgão, tal como o há para a capacidade sensitiva: não obstante, presentemente, não há nenhum órgão” (Aristóteles c.350 a.C - III 4 429a23-27).*

Já bem adiante, sec. XVII, Descartes(1596-1650) , com seu cartesianismo, vêm exacerbar ainda mais a dicotomia corpo e alma, sendo duas substâncias

completas, distintas, pondo o corpo como extensão, e a alma como o pensamento, como um elemento simples sem extensão, sendo esta soberana em relação ao corpo, completa e imortal. Todavia, estabelece certa união entre a alma e o corpo, havendo, por certo, uma relação entre eles além de mera convivência, de maneira a haver interação de movimentos.

Essa idéia de haver uma mínima interação entre corpo e alma gera grande dificuldade de ser mantida, uma vez que, para o próprio Descartes, corpo e alma continuam a ser duas substâncias completas e firmemente opostas. Talvez, senão por isso, tenha sido criada a "idéia de força", destinado apenas para a função da união da alma e do corpo, como sendo "algo primitivo" que encontramos em nós, pela qual a alma age sobre o corpo.

*"Sou pois uma coisa que pensa. E que mais? Excitarei minha imaginação para ver se não sou mais alguma coisa ainda. Não sou este conjunto de membros chamado corpo humano; não sou um ar delicado e penetrante repartido por todos os membros; não sou um vento, um sopro; não sou nada de tudo isto que posso fingir e imaginar, já que tenho suposto que tudo isso nada é, e que sem alterar sua disposição, penso que não deixo de estar certo de que sou alguma coisa" (Med. metafísicas, 2-a med.).*

*"Não parece que o espírito humano seja capaz de distinguir bem distintamente, num só tempo a distinção entre alma e corpo e sua união porque para este fim necessário seria concebê-los como uma só coisa e ao mesmo tempo como duas, o que se contraria" (DESCARTES, Carta a Princesa).*

*"O que esta natureza me ensina de forma mais expressa e sensivelmente, é que tenho um corpo, o qual, quando sinto dor, está mal disposto e, quando tenho os sentimentos de fome ou sede, necessita comer ou beber, etc... Por meio desses mesmos sentimentos de dor, de fome, sede, etc..., ensina-me a natureza que não estou tão estreitamente unido e confundido com ele, que ambos formamos como que um só todo uno e indivisível.*

*E quando meu corpo tivesse necessidade de alimento, eu teria um simples conhecimento dela sem que fossem precisos os sentimentos confusos da fome ou sede; concluímos, pois, que todos esses sentimentos de fome, sede, dor, etc., nada mais são que certos modos de pensar confusos que procedem e dependem da íntima união do espírito com o corpo" (Meditações met., 6-a med.).*

Até o Sec. XIX o corpo era visto como uma perfeita máquina, onde cada uma das partes corporais era “comandada” por um correspondente cerebral.

Nesta época, dentro de um contexto da neuropsiquiatria e da neurofisiologia, decorrentes da necessidade de se explicar graves lesões corporais sem que, aparentemente, houvesse lesões cerebrais que a justificassem, aparecem as primeiras investigações do corpo não mais como sendo mera extensão (Descartes), como uma “porção de matéria”, uma máquina com peças com exatos e visíveis correspondentes cerebrais.

Explicitando esse entendimento aparece Levin (1995) (LEVIN, 1995) afirmando que a primeira vez que psicomotricidade foi nomeada como palavra, em 1870, foi em decorrência da imposição médica de explicar os fenômenos clínicos.

Temos a França, no final do século XIX, e no início do século XX, como “berço” da psicomotricidade, através do desenvolvimento e descobertas da neurofisiologia, possibilitando conhecer diferentes disfunções graves que não mantinham, necessariamente, relação com lesões cerebrais, ou, na existência dessas, que fossem claramente localizadas.

Neste contexto, o médico Frances Philippe Tissé, no sec. XIX, em termos práticos pode ter sido o precursor da psicomotricidade, haja vista ter atendido e tratado um caso de instabilidade mental com a chamada “ginástica médica”, por acreditar que se dirigido de forma correta, dentro de preceitos médicos, o trabalho muscular compensaria as impulsões enfermas dos seus pacientes, assim como o controle respiratório, interferiria nos centros cerebrais nos quais se origina a vontade, onde se alojam os pensamentos.

Porém, apesar da prática de Tissé, temos como consenso entre a maioria dos autores, Ernest Dupré, neurologista Francês, sendo visto como o “pai” da psicomotricidade ao realizar os primeiros estudos abordando a perturbação motora e a debilidade mental, e introduzindo a dissociação entre as duas síndromes, a mental e a motora, explicada pela independência relativa das zonas psíquicas e motoras no manto cortical. Outro aspecto desvendado por Dupré foi a importância do corpo, inserido nos seus movimentos, na formação

do indivíduo, tanto no que diz respeito à inteligência, como em relação a ser um meio importante de manifestação do indivíduo.

*“A atividade física tem, para o médico, o duplo interesse de ser o único meio, para o indivíduo traduzir para o exterior seus sentimentos e suas idéias e de construir, por ela mesma, um elemento primordial e objetivamente perceptível da personalidade”.(DUPRÉ – 1993 apud MESQUITA K; ZIMMERMAN E, 2006).*

Adiante desta atmosfera de compreensão, não obstante a essência, ainda, essencialmente neurológica, depreende-se a existência de uma inter-relação entre o desenvolvimento das funções motoras e o desenvolvimento das funções psíquicas.

Diante desta nova concepção no meio da neurociência, surge, no aspecto científico, a psicomotricidade como sendo a ciência que compreende o corpo nos aspectos neurofisiológicos, anatômicos e locomotores, uma vez que o "esquema anátomo-clínico" que determinava para cada sintoma sua correspondente lesão focal, não mais podia explicar alguns fenômenos patológicos.

Pouco mais adiante, na segunda década do século XX, dando início ao fim do aspecto puramente neurofisiológico da psicomotricidade, aparece Henry Wallon, filósofo e médico psiquiatra que adentra com vigor o campo da psicologia, principalmente a da criança, embasando sua teoria do desenvolvimento cognitivo na relação entre motricidade e emoção, chamando tal aspecto de “diálogo tônico-emocional”.

Com Henry Wallon e sua teoria, que estuda a relação entre motricidade e caráter, vendo o movimento como construção do psiquismo, correlacionando-o ao afeto, à emoção, ao meio ambiente e aos hábitos das crianças, temos o fim do dualismo cartesiano no qual imperava a ausência de qualquer relação entre o corpo e o desenvolvimento intelectual e emocional do indivíduo.

Sendo assim, após o definitivo desmoronamento da visão dual corpo-mente, e diante da nova concepção científica temos a psicomotricidade, cujo nome já traz em si uma síntese do que é – o psico indissoluvelmente ligado ao movimento motor - caracterizada por ser a ciência que tem como objeto de estudo o homem por meio do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades perceptivas, de atuar, agir, ou seja, de interagir com o outro, com os objetos e consigo mesmo, tendo o corpo o importante papel de originar as aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas.

Na esteira desta concepção, a psicomotricidade adentra, além do campo clínico - sua origem - o campo institucional, atuando na compreensão da terapia, da educação e da reeducação.

## **1.1 – principais teóricos e fundamentos.**

**Henri Wallon (1879-1962):** Nascido em Paris, iniciando sua vida com a filosofia e a medicina psiquiátrica, se consagrando com a psicologia quando revoluciona os conceitos da época quebrando o paradigma da educação convencional, trazendo sua teoria pedagógica que afirmava ser o desenvolvimento intelectual muito mais o resultado da interação da afetividade, do movimento, da inteligência e da formação do eu como pessoa, do que apenas de um simples cérebro.

*“O objeto da psicologia pode ser, em vez do indivíduo, uma situação e confunde-se com o efeito que esta situação suscita, com a solução buscada ou encontrada das dificuldades que ela apresenta.... Só a observação, a análise e a comparação tornam possível a discriminação dos fatores em jogo. Este método, estritamente objetivo, que parte da indivisão entre forças externas e internas, entre necessidades físicas e possibilidades mentais, é, no entanto, o mais capaz de mostrar as oposições ou os conflitos e de fazer as diferenciações que se seguem a tudo isso. Porque as relações mais primitivas do ser vivo e do meio são aquelas em que as suas ações se combinam totalmente.” (WALLON, 1979, p.88)*

**Eduard Guilman (1901-1983)**: neurologista estimulado pelos estudos de Henri Wallon, da início a prática psicomotora , instigando e conduzindo o estudo da reeducação psicomotora, desenvolvendo um teste, um exame com a finalidade de diagnosticar, indicar tratamento terapêutico e de prognóstico. Guilmain entendia que os distúrbios de comportamento tinham na reeducação psicomotora o tratamento ideal. Os objetivos desta reeducação apontavam para três linhas de ação, quais sejam: reeducar a atividade tônica com exercícios de atitudes, de equilíbrio e de mímica; melhorar a atividade de relação exercitando a dissociação e a coordenação motora tendo o lúdico como ferramenta de apoio; e desenvolver o controle motor.

*“A evolução do comportamento social e do caráter da criança é condicionada não somente por seu nível de desenvolvimento neuromotor, mas, essencialmente, por seu tipo neuromotor, mesmo em crianças de nível normal” (Guilmain, remarques sur l'éducation psycho-motrice. Em Cahiers de l'Enfance Inadaptée, nº 71960)*

**Julian de Ajuriaquerra (1911-1993)**: Francês de origem espanhola, neuropsiquiatra, psicanalista, pesquisador e teórico, discípulo de Henri Wallon, conquista reconhecimento em vários campos da psiquiatria e da psicologia, com foco sempre no desenvolvimento humano.

Aprofunda os estudos no terreno da patologia, circunscrevendo de forma clara os transtornos psicomotores que pendem entre o neurológico e o psiquiátrico, redefinindo o conceito de debilidade motora ao considerá-la uma síndrome com todas as suas peculiaridades.

Atua com maior profundidade na neuropsiquiatria infantil, vinculando o desenvolvimento infantil ao neurológico. Sendo adepto da interação médica-pedagógica, concepção esta registrada em seu Manual da Psiquiatria Infantil, tópico referente à história da psiquiatria da criança que traz: *“que mergulha suas raízes num passado rico em experiências pedagógicas e afetivas”*. Afeto à psicanálise freudiana, mais tarde chega a trabalhar com Piaget.

Produz farta quantidade de trabalhos de criteriosa investigação e observações de estudo de bebês até o acompanhamento dos idosos. Rejeita a idéia de a psicomotricidade ter como foco tão somente o fator motor, uma vez que a função tônica, além de servir a ação corporal, é, também, um meio, que o indivíduo utiliza para se relacionar com o outro.

Traz a psicomotricidade como sendo a experiência do corpo, como diálogo tônico, podendo ser lida como uma linguagem, uma expressão de comunicabilidade.

Implementa, ainda, um “novo” método de relaxamento, a idéia, a visão relacional e psicodinâmica “contamina” os métodos tradicionais, enriquecendo as aplicações terapêuticas e preventivas.

Em sua trajetória, com seus conceitos, suas pesquisas e sua atuação clínica, acaba por eliminar em definitivo o dualismo cartesiano da Psico-motricidade, fato retratado, inclusive, na própria grafia da palavra que acaba por “perder” o hífen, dando lugar a uma nova grafia - Psicomotricidade - que passa a refletir a “unidade”.

Deixa como marco no desenvolvimento da psicomotricidade seu Manual de Psiquiatria Infantil, onde temos:

*A Psicomotricidade se conceitua como ciência da Saúde e da Educação, pois indiferente das diversas escolas, psicológicas, condutistas, evolutistas, genéticas, etc., ela visa à representação e a expressão motora, através da utilização psíquica e mental do indivíduo (AJURIAGUERRA APUD ISPE-GAE, 2009).*

*A criança é o seu corpo. O movimento corporal é comunicação com o mundo .(AJURIAGUERRA (1983, 201)*

*O tônus que prepara e guia o gesto é simultaneamente a expressão da realização ou frustração do indivíduo (AJURIAGUERRA, 1983, p 49)*

**Jean Piaget (1896-1980)**, Suíço, doutor em ciências naturais, partindo mais tarde para o campo da psicologia e da educação. Considerado um dos maiores conhecedores do desenvolvimento cognitivo, torna-se um dos mais respeitáveis representantes da psicologia da aprendizagem e do desenvolvimento, abalando, senão desmontado, os padrões educacionais da época.

Atua como grande pesquisador e observador do processo de aquisição do conhecimento, dentro da rigorosa metodologia científica, a fim de explicar como se desenvolve a inteligência nos indivíduos, principalmente, na fase infantil, razão pela qual sua ciência é denominada de Epistemologia Genética.

Com base nos fundamentos de sua teoria, é considerado o “pai” do construtivismo, entendendo que desde o nascimento até o início a adolescência o pensamento infantil passa por quatro estágios, findando com o alcance da capacidade plena de raciocínio. Assim, temos o conhecimento, a inteligência, como sendo um processo de construção contínua a partir das descobertas e adaptações das crianças em contato com o seu mundo exterior e objetos.

Neste contexto, o meio ambiente torna-se agente do desenvolvimento intelectual, na medida em que oferece exercícios, e estímulos, que vão potencializar a inteligência, firmando a concepção de que a inteligência humana pode, e deve, ser exercitada com vista a um aperfeiçoamento, a uma evolução.

Sua teoria traz a compreensão que é através do simbólico e dos movimentos corporais que a inteligência trabalha, sendo sua construção iniciada a partir da atividade motriz das crianças, principalmente nos primeiros sete anos de vida, aproximadamente, uma vez que, o conhecimento e a aprendizagem centram-se na ação da criança sobre o meio, os outros e as experiências através de sua ação e movimento, sendo a educação, nesta fase, basicamente psicomotriz.

Desta forma, Piaget entende o corpo como um instrumento da inteligência, considerando que a interferência da motricidade na inteligência acontece antes



da aquisição da linguagem. A partir daí, a função tônica e a coordenação dos esquemas serão reconhecidas pela psicologia como objeto de estudo.

*Do ponto de vista biológico, organização é inseparável da adaptação: são dois processos complementares de um único mecanismo; sendo o primeiro o aspecto interno do ciclo do qual a adaptação constitui o aspecto externo (...). Ora, esses dois aspectos do pensamento são indissolúveis: é adaptando-se às coisas que o pensamento se organiza e é organizando-se que estrutura as coisas (PIAGET, 1936/1970, p. 18).*

*O desenvolvimento evolui a partir da influência recíproca entre indivíduos e meio ambiente e pelo movimento se processa a relação funcional entre corpo e mente (PIAGET, APUD BUENO 1998, p.28)*

*Mas a inteligência sensório-motora conduz a um resultado igualmente importante no que respeita à estrutura do universo, por mais restrito que seja nesse nível prático: organiza o real construindo, pelo próprio funcionamento, as grandes categorias da ação que são os esquemas do objeto permanente, do espaço, do tempo e da causalidade, subestruturas das futuras noções correspondentes (PIAGET; INHELDER, 1998, p. 18/19)*

*Os métodos de educação das crianças exigem que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil. ( PIAGET, 1936/1970, p. 158)*

*O jogo é, portanto, sob as suas duas formas essenciais de exercício sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação da real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneça às crianças um material conveniente, a fim de que, jogando, elas cheguem a assimilar as realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores à inteligência infantil. (PIAGET 1976, p.160)*

**Jean Le Boulch (1924-2001):** Francês, atleta, jogador de basquete, professor de Educação Física, Doutor em Medicina, especialista em Reabilitação Funcional, cuja obra pode ser dividida em duas fases, onde temos a primeira trazendo toda uma rejeição à Educação Física estabelecida pelas instituições, levando-o a abandonar o ensino daquela educação física. E na segunda fase temos a criação do método/teoria psicocinética – ciência do desenvolvimento humano.

A partir de 1960, tem início à Teoria Psicocinética defendendo a ciência do movimento humano, buscando conhecer e divulgar as bases científicas da Educação Física, uma vez que o modelo existente de Educação Física já era por ele questionado, haja vista que, em sua visão, a Educação Física deveria ser entendida como uma unidade e não como vigorava a época, com uma prática dividida entre ginástica construtiva e exercícios naturais. Não por outro motivo seu método foi direcionado e priorizou a Educação Física na escola primária.

Ressalta a importância da psicomotricidade desde a educação de base, uma vez que a educação psicomotora é um facilitador para que a criança passe a dispor de uma imagem do "corpo operatório", podendo, então, usufruir sua disponibilidade. Entende a psicomotricidade como sendo uma ciência cujo objeto de estudo é a conduta motora como sendo o reflexo do amadurecimento e desenvolvimento da psicofísica do indivíduo. Recebe contribuições da Psicanálise no tocante à importância do afeto no desenvolvimento, e da concepção comportamental, no sentido de valorizar o instrumento para um maior desempenho do indivíduo.

*“A educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola primária. Ela condiciona todas as aprendizagens pré-escolares e escolares: leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilidade suficiente e coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde o início da infância e conduzida com perseverança, permite prevenir certas*

*inaptações difíceis de melhorar, quando já estruturadas” (LE BOULCH 1992 p.25)*

*É, [...] na perspectiva de uma verdadeira preparação para a vida que deve inscrever-se o papel da escola, e os métodos pedagógicos renovados devem, por conseguinte, tender a ajudar a criança a desenvolver-se da melhor maneira possível, a tirar o melhor partido de todos os seus recursos preparando-a para a vida social. (LE BOULCH, 1988, p. 26).*

*A estruturação do esquema corporal organiza-se a partir de uma estreita interligação entre duas imagens. Como resultado, a criança dispõe de uma imagem do corpo ‘operatório’ no sentido piagetiano, um suporte que permite programar mentalmente ações em torno do objeto e também em torno de seu ‘próprio corpo’. (LE BOULCH, 2001, p. 19)*

*O jogo como atividade própria da criança, que toma diferentes formas de acordo com a idade, está centrado no prazer proporcionado por sua prática, ao mesmo tempo em que se constitui no motor essencial de seu desenvolvimento. (LE BOULCH, 1988, p. 301 )*

**Bernard Aucouturier (1934)** Frances de Tours, professor de Educação Física, psicomotricista internacionalmente reconhecido, fundador da PPA (Prática Psicomotora Aucouturier). Seus estudos fundamentam-se nas áreas da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicanálise, tendo como referência as teorias de Jean Piaget e de Henry Wallon, que enfatizam a importância do movimento, do "diálogo tônico" na aquisição de todas as fases do desenvolvimento. Outra referência em seu trabalho é Winnicott, que salienta a importância do meio ambiente "exploração ambiente", assim como De Ajuriaguerra.

A Educação Física, como entendida e praticada à época, de maneira muito mecanicista, faz com que Aucouturier, admirador da pedagogia do movimento, mude o rumo de sua vida profissional, tornando-se professor do Centro de Reeducação Física de Tours, dando início a sua trajetória de pesquisas e experiências diretas com crianças que, durante certo tempo, juntamente com André Lapierre, o possibilitaram construir progressivamente a Prática Psicomotora Aucouturier (PPA) no campo educativo e terapêutico.

Como fundador da Associação Europeia de Escolas em Prática Psicomotora (ASEFOP), Aucouturier faz com que sua prática psicomotora passe a ser conhecida e desenvolvida mundialmente.

*Decidimos, portanto, ao invés de nos centrarmos nos aspectos negativos, trabalhar com aquilo que havia de positivo na criança, partindo daquilo que faz espontaneamente, daquilo que sabe fazer, do que agora. Não existem, com efeito, atos gratuitos, e aquilo que uma criança faz espontaneamente corresponde sempre às suas motivações profundas. Cabe a nos compreender o que realmente se expressa por meio deste agir...e responder por meio de nosso próprio agir. (AUCOUTURIER 1996, p. 26)*

*...é necessário, pois, que conserve o desejo da criança, que o ajude a evoluir, o solicite e espere pelo momento em que este desejo possa articula-se com alguns dos seus. (AUCOUTURIER 1986, p.77)*

*...uma das idéias mestras que sustenta todas as nossas intervenções educativas, reeducadoras ou terapêutica, é a de reencontrar essa carga afetiva que permitirá o desenvolvimento e a evolução da comunicação. (AUCOUTURIER, 1986. p.30)*

*O que mais freqüentemente bloqueia a evolução da criança é a sua dependência, consciente ou inconsciente, do desejo do adulto; dependência passiva (submissão) ou dependência agressiva (oposição). Quando a criança reencontra a dinâmica do seu desejo, sua evolução é muito rápida". (AUCOUTURIER 1986, p.28)*

*...só podemos atingir a criança de forma autêntica e profunda, através de sua própria linguagem (AUCOUTURIER 1986, p.61)*

*A Psicomotricidade é um convite para se compreender o que a criança expressa sobre seu mundo interno pela via da motricidade. É também um convite para se captar o sentido dos comportamentos. A Psicomotricidade clarificada nos permite, assim, melhor compreender a prática psicomotora educativa e preventiva, como também a prática de ajuda à orientação terapêutica. (AUCOUTURIE, 2003 p. 17)*

**André Lapierre (1923-2008)**, Francês, formado em 1947, passando a atuar por muitos anos como professor de Educação Física, autor de várias obras, tinha como objeto de estudo o corpo e toda sua estrutura e atividade motora. Compulsivo em suas pesquisas e estudos, muitas vezes autodidata, busca e aplica seus conhecimentos em todas as dimensões do corpo e em seus movimentos e comportamentos. Em decorrência de suas pesquisas e observações percebe que em todas as atividades corporais e físicas, existe, além do conteúdo mecânico e fisiológico, o conteúdo psíquico, o afetivo. Diante de suas constatações começa a questionar, por não mais comungar, a prática e os exercícios físicos tal como eram aplicados nas aulas de Educação Física cuja abrangência limitava-se ao corpo físico, mecânico, e sua estrutura fisiológica, funcional.

Neste período intensifica ainda mais seus estudos anatômicos e da fisiologia do movimento, tendo, como consequência, o encontro com a Cinesioterapia, atuando, inclusive, como professor, momento em que teve oportunidade de reunir vasto material e publicar sua primeira obra “Reeducação Física”, em três volumes.

Durante a guerra, dirigiu um “Centro de Reeducação” com atendimento destinado às crianças indicadas pelo serviço de medicina escolar que apresentavam alguma dificuldade. Dedicava-se ainda aos estudos e manipulações de vertebrais em seu consultório de Cinesioterapia.

Contudo, apesar de dar continuidade ao trabalho desenvolvido até então, principalmente, a vertebroterapia, sua insatisfação com os conceitos teóricos e práticas predominantes à época, cujas propostas tinham como alvo o corpo físico e funcional, faz com se aproxime da psicanálise e seus teóricos, buscando desta forma um espaço onde pudesse exercer e aprofundar-se nos estudos de sua teoria, na qual o corpo humano é um veículo extraordinário para expressar dores, emoções, conflitos, afetos, medos, ou seja, um corpo socioafetivo, emocional, que “fala” sem o uso da palavra, da linguagem verbal, elevando a relação entre terapeuta/professor e seu cliente/aluna a patamares de importância muitíssimos mais alto que o tratamento cinesioterápico.

Aprofundando cada vez mais seus estudos e pesquisas, ultrapassa os limites da psicomotricidade adentrando os limites da psicopedagogia, notabilizando que a educação extrapola todos os limites da simples transmissão de conhecimento.

Utiliza cada vez mais seus conhecimentos nas classes escolares de menor idade, uma vez que entendia que os problemas no campo escolar, assim como a estrutura da personalidade, advinham das primeiras experiências infantis. Neste contexto, se junta com Bernard Aucouturier, levando a prática da Psicomotricidade ao ambiente escolar. Mais tarde, Lapierre e Aucouturier tomam caminhos diferentes, sendo que o percurso de André Lapierre o leva a criação da Psicomotricidade Relacional, na década de 1970

*[...] É preciso recriar, neste nível, as cargas afetivas e emocionais do diálogo inicial com o corpo do outro. Pode-se considerar que o mesmo ocorre em educação psicomotora para uma criança de 5 ou 6 anos, cuja linguagem verbal já está estruturada. (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 1984, p. 57)*

*[...] É apenas a partir desta regressão, deste revivenciamento das relações corporais primárias que será possível reestruturar as etapas posteriores que dela decorrem: espaço fusional, comunicação simbólica e afirmação da identidade. (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 1984, p. 57).*

*O que dissemos do corpo, também pode ser dito da linguagem; nossa linguagem adulta, estruturada, intelectualizada, conceituada, não toca a criança a não ser em certo nível superficial, o de relações socializadas e convencionais. Só podemos atingir a criança de forma autêntica e profunda, através de sua própria linguagem, inclusive sua linguagem gestual. (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 1984, p. 60)*

## CAPITULO II

### A PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL

A psicomotricidade Relacional caracteriza-se por “escutar” e considerar e notabilizar o diálogo entre o corpo e os aspectos psíquicos do ser humano, focalizando na compreensão e na atividade dos núcleos psicoafetivos e seus decorrentes problemas relacionais interpessoais, oferecendo um espaço de jogo espontâneo, incentivando e facilitando o indivíduo a manifestar e expressar suas dificuldades relacionais, suas necessidades e seus desejos, potencializando a socialização através de uma decodificação simbólica do comportamento natural e descontraído do sujeito, através de uma leitura de seu conteúdo comunicativo-simbólico, a fim de intervir na estruturação e evolução da dimensão afetiva,

#### 2.1 percussores e concepções teóricas

*Dupré, ao criar o termo e a noção de psicomotricidade, sublinha o paralelismo do desenvolvimento motor e intelectual. Schilder, a partir dos seus trabalhos sobre as noções do corpo maternal e do esquema corporal, estabelece um elo entre percepções corporais e a organização espaço-temporal. Ajuriaguerra, por seus trabalhos sobre o tônus, enfatiza as estreitas relações entre tônus e afetividade. Wallon (do ato ao pensamento) situa a atividade motora como base do desenvolvimento intelectual e psicológico. Piaget, com a epistemologia genética situa o corpo, a atividade motora, a exploração sensório - motora e perceptivo -motora como bases primeiras e fundamentais da inteligência (LAPIERRE 2002, p. 13).*

Após sua origem dentro de um contexto médico e tendo como objetivo principal as patologias, a psicomotricidade impulsionada por diversas linhas de pensamento: biomédico, psicopedagógico, e psicanalítico, toma novos rumos com Wallon, Piaget e Ajuriaguerra.

Por volta de 1925, Wallon publica seus trabalhos de observação e estudos junto à recém nascidos e ao desenvolvimento das crianças, que concluem ser o movimento a única expressão e o primeiro instrumento do psiquismo, passando o campo do desenvolvimento ser a linha de pesquisa enfatizada que, de início, traz uma proposta reeducativa.

Já em torno 1947/1948, Julian de Ajuriaguerra revoluciona a trajetória e a narrativa da psicomotricidade, trazendo as primeiras técnicas reeducativas ligadas aos distúrbios psicomotores, e associando, em definitivo, o movimento à concepção da psicomotricidade. Como consequência de seu trabalho, de suas avaliações e conceituações teóricas em relação à psicomotricidade, Ajuriaguerra é considerado como sendo àquele que afasta e derruba de modo efetivo o pragmatismo do conceito neurológico, e com o paralelismo psicomotor de Dupré.

Ao seu tempo Piaget traz a atividade motora da criança para a base da construção e do desenvolvimento do intelecto cognitivo, interligando o aspecto evolutivo da psicomotricidade com o da inteligência. As pesquisas, práticas, e teoria de Piaget, remolduram e reestruturam a Psicomotricidade, não limitando suas questões apenas ao aspecto reeducativo, mas ressaltando a importância de uma primeira instância educativa. (MELLO: 2007).

A psicomotricidade já mais distante da reeducação passa a ter como norte a visão terapêutica fundamentada por autores como Le Boulch, Aucouturier, Defontaine, Lapierre, que enxergavam a psicomotricidade como uma motricidade de relação, começando, desta forma, a ser delimitada uma diferença entre uma postura reeducativa e uma terapêutica, a qual marginaliza técnicas instrumentalista, relativizando a importância do corpo como único protagonista no processo, ao passo que abarca e destaca a relevância da relação, da afetividade e do emocional.

Le Boulch entendia que a educação psicomotora, pelo movimento, tem como objetivo central a ajuda ao desenvolvimento psicomotor da criança, o qual é fator relevante e interligado à evolução da sua personalidade e ao sucesso escolar. (LE BOULCH, 1987).



Bernard Aucouturier, como outros, sentindo a precisão de evoluir a prática usual, busca uma abordagem com enfoque mais relacional, trabalhando a criança de um ponto de vista global, no qual a unidade, a integração e funcionalidade dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais do desenvolvimento infantil, que se expressam nas relações estabelecidas com o espaço, o tempo, os objetos, as pessoas e com seu próprio corpo, sejam respeitadas.

Por sua vez Defontaine traz a interligação corpo-espaço-tempo como sendo o meio de se compreender a psicomotricidade. Define também os dois componentes lingüísticos da palavra psicomotricidade, sendo o prefixo psico àquele relacionado ao aspecto sensitivo, enquanto que o sufixo motricidade traduz o movimento.

Na mesma direção, Lapierre concebe a psicomotricidade em toda a sua vastidão, não cabendo ser conceituada nem descrita com precisão, e tão pouco de forma definitiva. Entende a personalidade advinda da indissolubilidade entre o movimento - “pensamento motor” - e o psiquismo, relação esta que acontece nos dois sentidos. Com base nessa concepção Lapierre introduz o termo relacional à palavra psicomotricidade distinguindo, seus conceitos, compreensão, e métodos das outras práticas psicomotoras existentes.

*Defontaine, "declara que só poderemos entender a psicomotricidade através de uma triangulação corpo, espaço, tempo: a psicomotricidade é um caminho, é o desejo de fazer, de querer fazer e o poder fazer".(DEFONTAINE APUD OLIVEIRA, 2004)*

*A “qualidade de vida” é a qualidade do ser, não do ter. Ser , existir, é exercer livremente o próprio poder de agir sobre o meio, mantendo a autonomia das próprias decisões. [...] No tipo de educação que defendemos, o processo essencial, no qual a atenção do educador está permanentemente concentrada, não é mais o processo de ensino, de transmissão de saberes, mas o processo de evolução da pessoa. (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 2004, p. 109)*

*Num primeiro momento, que pode ser chamado de reeducativo, utiliza as concepções psicogenéticas de Wallon e a epistemologia genética de Piaget (desenvolvimento cognitivo e relacional). Ainda nesse momento, utiliza-se das noções de*

*corpo próprio e de esquema corporal de Schilder e aqui se destaca a passagem para o segundo momento, onde Lapierre se utiliza de uma leitura freudiana associada à não diretividade rogeriana (CABRAL, 2001, p. 10).*

*Se levarmos em conta um dos marcos teóricos da Psicomotricidade relacional que é a comunicação não verbal manifestada através do jogo espontâneo, onde o corpo participa com todas as suas dimensões representativas inseridas em uma complexa rede de inter-relações, onde estão presentes conteúdos biológicos, psicológicos, somáticos, vivenciais, históricos e sociais, podemos então compreender e não apenas interpretar, os conflitos intrapsíquicos e suas repercussões psicossomáticas, possibilitando ao ser humano a capacidade para redimensionar suas relações, de forma que possa obter melhores condições de vida e bem estar pessoal, familiar, físico, social e profissional (VIEIRA; BELLAGUARDA E LAPIERRE, 2005, p. 42).*

## **2.2 o advento**

Na década de 70, através de Andre Lapierre, há em definitivo o estabelecimento da Psicomotricidade Relacional, que institui na relação terapêutica um aspecto muito mais psicoterápico que pedagógico, ou funcional, diante das expressões corporais no curso do desenvolvimento infantil, tornando-se de efetivo uso no processo cognitivo psicomotor e sócio-emocional do ser humano.

O ambiente escolar é o meio no qual se estabelece como prática, sem que tenha como objetivo primário os aspectos pedagógicos, uma vez que o essencial e fundamental é a constante busca dos fatores psicoafetivos relacionais associados às dificuldades de adaptação sócio-ambiental.

Nesta significação insere-se o trabalho de André Lapierre e Bemard Aucouturier entre os anos de 1977 a 1980 e, mais tarde, o de André e Anne Lapierre (1982), no qual buscam “(...) reencontrar a dimensão psíquica do corpo e a dimensão corporal do psiquismo”. (FRANCH, 1989, p.12).

É na Itália que a psicomotricidade relacional tem sua primeira escola de especialização: Escola Trienal de Especialização em Psicomotricidade Relacional, cuja direção científica ficou a cargo do André Lapierre, ensejo que possibilitou sua integração à ANUPI —Associação Nacional Unificada de Psicomotricidade da Itália — cuja presença se faz em várias escolas de especialização, cabendo aos pertinentes órgãos do governo à autorização e supervisão

A Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, por intermédio da UNESCO, e motivada pela conjuntura diversa das necessidades sociais, dá à educação uma nova perspectiva, na qual ficam ressaltados quatro aspectos como sendo a base, o fundamento da nova visão educacional que são: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; e aprender a ser – reafirmando e consagrando uma visão global, uma concepção holística do indivíduo, em total sintonia com os fundamentos da Psicomotricidade Relacional, trazendo a educação como forte aliada no desenvolvimento total da pessoa.

*[...] para diferenciar suas concepções e sua prática em relação a outras técnicas que também têm o nome de psicomotricidade, que mais se diferenciam, pois consideram o corpo da criança prioritariamente sob seus aspectos cognitivos. Ele se refere à Psicomotricidade Relacional, acreditando que o corpo não é essencialmente cognição, mas também o lugar de toda sensibilidade, afetividade, emoção da relação consigo e com o outro. É visto como lugar de prazer, de desejo, de frustração e de angústia. Lugar de lembranças de todas as emoções positivas e negativas vividas pela criança em relação com os outros, particularmente, com as figuras parentais. (VIEIRA BATISTA E LAPIERRE, 2005, p. 27)*

*Quanto mais restringirmos o professor e os alunos a um programa limitado a uma cronologia rígida, mais esterilizaremos a criatividade das crianças e mais fracassos produziremos. Ao levarmos em consideração os interesses dos alunos, vamos muito além do programa em determinadas áreas, o que poderá não acontecer em outras áreas. Mas se deixarmos evoluir essa dinâmica durante um período de tempo suficiente, perceberemos que a imbricação dos conhecimentos é tamanha que o desejo de sua ampliação e de seu aprofundamento, em qualquer área, fará surgir a necessidade de adquirir aqueles conhecimentos que tinham sido*

*negligenciados anteriormente, despertando, em relação a eles, um interesse secundário, mas real. (LAPIERRE E AUCOUTURIER, 2004, p. 110-111)*

*Toda a ação com objetivo educativo coloca em jogo, simultaneamente, vários processos, alguns conscientes e outros inconscientes. No ensino atual, toda a atenção está focada nos processos conscientes, e os processos inconscientes são raramente evidenciados. Porém, em nossa opinião, eles parecem ter uma maior importância para o resultado real e perene da educação. O processo mais consciente é, certamente, o processo do ensino que consiste em transmitir conhecimentos, “saberes”, transmitindo também (e aí o processo é menos consciente) “modelos de pensamento” um “saber fazer” intelectual (LAPIERRE E AUCOUTURIER, 2004, p. 107).*

*O terceiro pilar é aprender a viver juntos, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências, no sentido de realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos. Em contraposição à competitividade cega, a qualquer custo, do mundo de hoje, cabe à escola transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, ao mesmo tempo, tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos. Para isso, não basta colocar em contato grupos e pessoas diferentes, o que pode até agravar um clima de concorrência, em especial se alguns entram com estatuto inferior. É preciso, para isso, promover a descoberta do outro, descobrindo-se a si mesmo, para sentir-se na pele do outro e compreender as suas reações. E, além disso, tender para objetivos comuns, trabalhando em conjunto sobre projetos motivadores e fora do habitual, cuja tônica seja a cooperação. (UNESCO, 2008),*

## **2.3 a difusão e radicação no Brasil**

José Leopoldo Vieira, diretor do Centro Internacional de Análise Relacional – CIAR de Curitiba, educador e analista corporal da relação, foi o grande propagador da Psicomotricidade Relacional no Brasil, onde a formação especializada tornou-se uma realidade, tendo André Lapierre e Anne Lapierre a orientar e supervisionar a formação da primeira turma de psicoterapeutas relacionais.

Com a disseminação e expansão da Psicomotricidade Relacional em vários e diferentes segmentos sociais, e com maior difusão para outras cidades através do CIAR Curitiba e do CIAR de Fortaleza, cuja direção é exercida pela Maria Isabel Bellaguarda Batista, psicóloga e analista corporal da relação, a prática da Psicomotricidade Relacional entrou no currículo das escolas públicas de Curitiba por meio da Lei No. 12205 de 03 de maio de 2007.

*A Psicomotricidade Relacional toca a globalidade do SER, garante a preservação da sua saúde global, redimensiona seus valores dentro de um processo de comunicação autêntico. (JOSE LEOPOLDO VIEIRA em <http://www.fiec.org.br/palestras/saude/psicomotri/psicomotri-fami.pdf>)*

## **2.4 definições/conceitos/concepções**

*... a psicomotricidade relacional não é uma técnica que se possa aprender intelectualmente nos livros. É mais um método, uma maneira de atuar, uma possibilidade de se estabelecer uma comunicação mais humana, mais verdadeira com qualquer pessoa, até mesmo com as crianças, desde a creche e a escola. (ANDRÉ LAPIERRE em entrevista concedida ao lado de José Leopoldo Vieira por Victor Casimiro)*

*A Psicomotricidade Relacional visa desenvolver e aprimorar os conceitos relacionados ao enfoque da Globalidade Humana. Busca superar o dualismo cartesiano corpo/mente, enfatizando a importância da comunicação corporal, não apenas pela compreensão da organicidade de suas manifestações, mas essencialmente, pelas relações psicofísicas e sócio-emocionais do sujeito. Preza por uma abordagem preventiva, com uma perspectiva qualitativa e, portanto, com ênfase na saúde, não na doença (VIEIRA; BATISTA E LAPIERRE 2005, p. 39)*

*... temos uma psicomotricidade que visa privilegiar a qualidade da relação afetiva, a disponibilidade tônica onde o corpo e a motricidade são abordados como unidade e totalidade do ser (VIEIRA; BATISTA E LAPIERRE 2005, p. 28)*

Segundo seu criador, André Lapierre, a Psicomotricidade Relacional – definida como sendo um método - enfatiza o importante vínculo, existente em cada indivíduo, entre a motricidade, a psique, a afetividade, a emoção e o cognitivo, com o objetivo de afastar as possibilidades de se fazer uma abordagem psicopedagógica e terapêutica limitada, deficiente, ineficaz e, principalmente, prejudicial ao desenvolvimento infantil. Contudo, apesar de não cancelar os fundamentos e a trajetória da educação tradicional, e se colocando à margem da mesma, não propaga sua total extinção.

O objetivo da Psicomotricidade Relacional é fazer a criança manifestar seus conflitos e vivê-los simbolicamente, tendo como - essencial - uma atuação mais preventiva diante de problemas de comunicação, de relacionamento com os outros e com a sociedade, atuando de forma menos repressora com vista a afastar frustrações precoces causadoras de dificuldades no decorrer da vida psíquica, social e emocional da criança.

Entende e concebe o aspecto, o espaço, e o processo educacional, como sendo uma grande possibilidade de integração do indivíduo, através de um propício desenvolvimento infantil, razão pela qual privilegia sua intervenção e atuação na primeira infância, creche e pré-escola.

*Alguém poderá objetar que este ecletismo não é coerente, nem 'científico'. Responderemos que há tempos as ciências experimentais renunciaram à coerência e que a física, por exemplo, adota, segundo as circunstâncias, tanto a teoria corpuscular da luz, quanto a teoria vibratória, que são perfeitamente contraditórias. As teorias científicas não passam de modelos afixados sobre uma realidade desconhecida, a evolução não se realiza a não ser trocando de modelo para cercar mais de perto a realidade. (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 1996, p. 10).*

*Uma intervenção direta junto à criança é desejável e possível e tem por objetivo permitir que ela exprima suas carências e seus conflitos no plano relacional. Com efeito, à medida que descobre o mundo dos objetos, a criança descobre o mundo dos outros, com seus desejos, suas proibições, suas seduções, sua agressividade, seus próprios desejos, suas próprias ambivalências, podendo então estruturar pouco a pouco os modos de ação e de reação que lhe serão pessoais. Todas as crianças são confortadas com esse problema. Algumas o*

*resolvem melhor que outras, o que faz com cada uma vá constituir uma personalidade mais ou menos normal ou mais ou menos patológica. Isto depende da qualidade e da clareza das relações que ela terá podido estabelecer com seu ambiente, seus pais e também todos os adultos com os quais vai ter uma relação contínua (LAPIERRE, 2002, p. 171).*

*Nosso procedimento é inverso: a partir de nossas experiências pedagógicas com crianças e adultos, que a nossa teorização é elaborada e evolui. Não estamos presos a nenhuma escola de pensamento, não somos “Piagetianos”, nem “Rogerianos”, “Freudianos” ou “Lacanianos”, mas de tempos em tempos, recorreremos às concepções de Freud, de Wallon, de Piaget, de Rogers, de Lacan, de Laing, de Deroly, de Neil, de Illich e de muitos outros [...] nossa teoria, se houver uma, alimenta-se da dialética constante entre o pensamento e a ação (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 2004, p. 14).*

Objetiva salientar a busca do saudável, do positivo, da capacidade, da eficiência que há em cada indivíduo, não se deixando apegar aos aspectos que trazem a dificuldade, a incapacidade, e a deficiência.

Entende ser imperioso a construção de uma boa auto-estima para que a relação e interação do indivíduo consigo, com o outro, e como o mundo social, seja vivida de forma saudável, intensa, dinâmica, com o conseqüente e esperado desenvolvimento e formação integral da criança.

*Nós nos interessamos por aquilo que ela sabe fazer, e não pelo que ela não sabe fazer (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 2004, p. 19)*

*Quando a criança recupera ou mantém o dinamismo do seu ser e assume realmente a autonomia de seu desejo, ela se torna surpreendentemente disponível. Ela assimila, rapidamente, uma grande quantidade de conhecimentos, com a condição de alimentarmos o seu desejo de conhecer e de fazer com a condição, principalmente, de não restringirmos a criança a obrigação extinta de um saber selecionado, fragmentado, uniformizado e cronologicamente programado (LAPIERRE; AUCOUTURIER, 2004, p. 110).*

*Privilegiamos o jogo corporal em nossa ação, visto que se situa no imaginário e no simbólico, portanto fora dos princípios de realidade. No imaginário, tudo é possível. A ausência do princípio de realidade libera o princípio do prazer fazendo*

*emergir as fantasias de onipotência e o pensamento mágico. Assim, facilitamos o retorno às vivências infantis, aos processos primários e a regressão. No contexto do jogo corporal, o ato desejado e proibido não tem conseqüências reais, e sendo permitido, libera parte da culpa. As pessoas reais são substituídas consciente ou inconsciente, por pessoas imaginárias. As sensações e emoções são vividas no nível do corpo, do ser inteiro, na sua globalidade. Então sua implicação é muito mais forte, pois ao mesmo tempo em que é espontânea, é a mais autêntica, por ser a expressão natural da criança (VIEIRA, BELLAGUARDA E LAPIERRE, 2005, p. 51).*

Para a Psicomotricidade Relacional o corpo ocupa uma dimensão grandiosa e importantíssima na forma de viver do indivíduo, pois é com e através dele que há a comunicação, a relação com os outros e com o mundo.

Diante do status dado ao corpo pela sua capacidade de trazer e revelar questões de origens psíquicas, afetivas, motores, emocionais, cognitivas, ou seja, de vivenciar aspectos de múltiplas origens, destaca-se a necessidade da vivência e convivência no, e em grupo, com o conseqüente enfoque na aproximação, no contato, e na utilização da linguagem verbal e, principalmente, não verbal do indivíduo.

Com a vivência em grupo, o compartilhar do diverso, do diferente, a percepção dos reflexos das próprias ações, a aceitação do outro, a necessidade e busca da relação e do acordo, a descoberta de novas formas de brincar e de se explorar objetos, acabam por estimular os processos cognitivos, perceptivos, psico-sociais e emocionais, cooperando para uma autonomia social e intelectual.

*Quando a linguagem verbal e até o “pensamento verbal” desaparecem, a pessoa entra em outro estado de consciência, ela vive e age diretamente ao nível subcortical. Isto é, num nível muito próximo do inconsciente, e com um mínimo de controle consciente. O agir não é mais, então, um ato intelectual, racional, mas a expressão direta de “alguma coisa” mais íntima, mais profunda, que vai suscitar tal gesto, tal atitude, tal ação ao invés da outra. São as tensões emocionais subjacentes que se exprimem através de simbologia do agir, e*



*é aí que a pessoa encontra sua autenticidade, sua verdade (LAPIERRE E AUCOUTURIER, 2004, p. 114).*

*O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias. (referencial curricular para educação infantil, 1998, v.ii, p. 11).*

## **2.5 O brincar**

Para Lapierre e Aucouturier o jogo, a brincadeira infantil são aspectos básicos e fundamentais na prática psicomotora dentro do contexto pedagógico, uma vez que os mesmos trazem questões do consciente e inconsciente.

Tendo a infância como maior característica o ato de brincar, e o de jogar, o jogo torna-se um excelente facilitador, um dos principais meios pelo qual a criança passa experimentar a diversidade das relações humanas, agindo na aproximação e na constituição de vínculos entre eles.

Por intermédio dos jogos e brincadeiras, os fatos, e situações reais vividas pela criança, são trazidos com a “mascara” da fantasia, do irreal, possibilitando, a partir desses conteúdos, uma abordagem mais adequada com vista à facilitar e contribuir para o seu desenvolvimento emocional e psico-social.

O ato de brincar traz um maior, e melhor, conhecimento de si, do mundo, e de tudo ao seu redor, tendo, como consequência, o desenvolvimento de múltiplas formas de linguagens, uma melhor elaboração dos pensamentos, a confrontação e compreensão de várias regras e limites, e a prática da socialização como sendo um aprendizado para a vida presente e futura onde poderão enfrentar desafios semelhantes às brincadeiras.

*(...) o ponto fundamental da passagem da psicomotricidade funcional à relacional é a utilização do jogo (brincar da criança) como elemento pedagógico (NEGRINE, 1995, p. 74)*

*A ausência de diretividade passa a constituir um convite ao jogo livre, por um lado, e ao jogo dirigido por outro, em oposição aos exercícios dirigidos; sua prática, tanto em grupos de crianças quanto de adultos, determina as bases de uma nova concepção pedagógica que vai progressivamente tomando corpo" (NEGRINE, 1994, p. 59)*

*...no que tange ao desenvolvimento afetivo e emocional, o jogo permite a expressão do imaginário e da criatividade, dos sentimentos, das fantasias, dos desejos e dos conflitos conscientes e inconscientes (VIEIRA et al, 2005, p.50)*

*Liberado de constrangimento da realidade e do julgamento utilizamos o jogo livre, que consideramos como equivalente à "associação livre". Esta atividade espontânea, dando livre curso à imaginação, é reveladora dos conflitos inconsciente e das defesas utilizadas para deles se proteger.*

*Nesse sentido, aproximando-nos de Winnicott, esses conflitos são conflitos relacionais que, com maior frequência, dizem respeito às figuras parentais, conflitos da primeira infância culpabilizados e repelidos ao inconsciente, que se projetam na relação com o outro cada vez que essa relação com o outro apresenta um a analogia com o conflito inicial. Toda patologia é uma patologia da relação (LAPIERRE, 2002, p. 72).*

## **2.6 principais áreas de atuação**

*Os estudos e pesquisas no campo da Psicomotricidade Relacional são bastante recentes. Tendo-se iniciado no campo da educação, onde esse método de trabalho, tem se estabelecido como uma poderosa ferramenta de intervenção, desenvolvendo-se como um processo eficaz de ajuda nas relações pessoais e interpessoais nos âmbitos familiares, escolares, da clínica, da empresa, entre outros (VIEIRA; BATISTA E LAPIERRE, 2005, p. 32).)*

## 2.6.1 no ambiente escolar

*No que se refere à Psicomotricidade Relacional, podemos dizer que a aprendizagem e o desenvolvimento se produzem pelas formas de relação afetiva com o outro, de acordo com as possibilidades e limites de cada um, em comum acordo. (VIEIRA, BATISTA E LAPIERRE. 2005, p.40)*

*...na educação infantil percebe-se a importância de fundamentar a realização de exercícios para a organização do esquema corporal da criança, bem como para a construção de sua imagem interna (SCHINCA, 1991, p. 16),.*

*[...] alfabetizar a linguagem do corpo e só então caminhar para as aprendizagens triviais que não são mais que investimentos perceptivos- motores ligados por coordenadas espaço temporais e correlacionados por melodias rítmicas de integração e resposta. É através do movimento (ação) que a criança integra os dados sensitivo-sensoriais que lhe permitem adquirir a noção do seu corpo e a determinação de sua lateralidade. (FONSECA, 1996, p. 142)*

É no ambiente escolar, no contexto psicopedagógico, a maior presença da Psicomotricidade Relacional, cuja atuação se estabelece de forma mais preventiva, buscando potencializar o desenvolvimento integral das crianças, indicando e reforçando todo e qualquer aspecto positivo de sua conduta, de seu modo de ser, trabalhando com o que há de positivo nas relações interpessoais, reforçando-as e renovando-as.

Sendo o corpo o primeiro meio disponível e utilizado para se entrar em contato com o conhecimento, a aprendizagem passa a ter uma inter-relação intrínseca com a motricidade, razão pela qual atua de forma a possibilitar múltiplas experiências psicomotoras com vista a dinamizar a socialização, a elevar a auto-estima, a superar dificuldades de aprendizagem estimulando o aprender e a procura de novos conhecimentos.

## 2.6.2 no ambiente empresarial

*É necessário ultrapassar os níveis de motivação material e evoluir para novos patamares motivacionais relativos a criação de novas idéias (razão de existir) precisando para isso de liberdade . (MONTAIN E HAMA HAMA, 2001)*

*O crescimento pessoal é uma jornada do auto-conhecimento (...) pois à medida que aprendemos a nos compreender e às nossas motivações mais profundas, deixamos de basear nossa auto-estima no que os outros pensam de nós e começamos a baseá-la no que conhecemos a respeito de nós mesmos... (BARRETT BARRETT, 1998)*

*Liberdade se conquista através da autonomia pelo reconhecimento de qualidades pessoais.(LEOPOLDO VIEIRA E ISABEL BELLAGUARDA, 2001)*

O psicomotricista relacional, e educador, Jose Leopoldo Vieira, de forma pioneira adentra o contexto empresarial apresentando e introduzindo as concepções e procedimentos da Psicomotricidade Relacional no campo de gestão de pessoas, objetivando alcançar maior integração, impulsionar o desenvolvimento da criatividade, a autoconfiança.

A Psicomotricidade Relacional dentro do ambiente organizacional traz os seus pressupostos basilares onde a relação é o pilar mestre para o desenvolvimento das qualidades pessoais que buscam e assimilam conhecimentos trazendo ou resgatando a auto-afirmação, a boa auto-estima e, conseqüentemente, o sucesso pessoal do trabalhador e da própria empresa enquanto organização de pessoas.

O alcance dos objetivos empresariais são mais fácil e rapidamente alcançados quando se estabelece como gestão de pessoas o compromisso de oportunizar um pleno desenvolvimento emocional e equilíbrio nas relações de trabalho, onde as comunicações se fazem de modo autêntico, respeitando-se as diferenças e o valor de cada um dos elementos implicados nesse processo.

### 2.6.3 no ambiente da clínica

*Com efeito, vemos, cada vez mais, os diversos especialistas setorizados (fonoaudiólogos, reeducação matemática, psicoterapeutas, psicopedagogos, etc..) interessarem-se pela atividade psicomotora global como base inicial de suas disciplinas ( AUCOUTURIER E LAPIERRE, 1989; p. 76)*

*Na terapia, contrariamente, o profissional não tem saber algum a transmitir, nada tem a ensinar. Situa-se, portanto, sempre "atrás" do desejo da criança para ajudá-la a afirmá-lo e dele tomar consciência.*

*Seu único desejo situa-se no futuro da criança, em seu encontro real com o outro, com o objeto e consigo mesma, em sua autonomia. (AUCOUTURIER E LAPIERRE, 1989; p. 78).*

*[...] quando se conhece a duração da dificuldade de uma psicoterapia para o adulto e mesmo para a criança mais velha, fica-se surpreendido com a rapidez com que a personalidade pode se reestruturar durante esses primeiros anos. Ocorre, nesse caso, uma abordagem que nos parece fundamental, a profilaxia das doenças mentais. (LAPIERRE E LAPIERRE, 2002, p. 110).*

No âmbito clínico, a Psicomotricidade Relacional se torna menos preventiva em relação ao desenvolvimento, vez que, nesta área, a demanda é mais específica, tendo por universo as desordens existentes no campo motor, no psico-social, no da aprendizagem e nas esferas afetivas e cognitivas, sem olvidar, contudo, de todos os benefícios de uma atuação preventiva no desenvolvimento humano, e, em especial da criança.

O atendimento clínico, na Psicomotricidade Relacional, comparado aos demais campos de atuação e atendimentos, tem características próprias, onde além de haver sessões individuais, há necessidade de alguns procedimentos especiais como a amnésia e o processo de diagnosticar, assim como a participação familiar, e da escola, no caso do atendimento infantil.

Apesar de o atendimento clínico ser feito sob um prisma psicanalítico no qual o inconsciente é trazido e "estudado", o universo da corporeidade continua sendo a base de toda a intervenção desta abordagem, onde o jogo corporal, tônico,

espontâneo e simbólico, age em busca e incitando a expressão plena do indivíduo, facilitando a criação de um espaço para vivências de origem psicossociais, afetivas e emocionais, contribuindo para a evolução de todo o processo terapêutico.

### **3 PSICOMOTRICIDADE CLÁSSICA E A RELACIONAL**

Nos dias de hoje a psicomotricidade se mostra e atua através de duas correntes: a psicomotricidade funcional ou clássica e a psicomotricidade relacional. A primeira tem como fundamento e foco o perfil psicomotriz do sujeito e a prescrição de exercícios funcionais os quais constituem as “famílias de exercícios” sem dar espaço para qualquer exteriorização de conteúdos simbólicos por meio da motricidade. Já a segunda, utiliza-se da ação do brincar como elemento motivador para suscitar e promover a exteriorização de conteúdo psicoafetivo através do corpo e seus movimentos, acreditando que o ato de criar, de brincar, de idealizar, de interpretar incita o desenvolvimento e a aprendizagem, tornando tais comportamentos, tais atos, um importante elemento pedagógico.

#### **3.1 origem da cisão**

Ambas percorrem a mesma trajetória até a fase da chamada reeducação psicomotora, quando passam a surgir divergências relacionadas ao enfoque mais motriz, com base mais neuroantômica por parte da psicomotricidade funcional, ao tempo em que a psicomotricidade relacional buscava sua base mais na psicanálise, com foco nas relações.

Mais ainda, a postura da criança e do terapeuta e, principalmente, a inclusão do “jogo”, do brincar livre e espontâneo, como elemento pedagógico e terapêutico, pontua as trajetórias distintas entre a Psicomotricidade Funcional, e a Relacional.

Já dentro do contexto educacional instituído, temos, também, caminhos distintos, cabendo a Psicomotricidade Clássica uma inserção mais ajustada aos seus pressupostos educacionais, tendo em vista que busca valer-se e organizar as experiências corporais com base em uma programação mais pedagógica, deixando, até certo ponto, se envolver pela racionalização e

intelectualização do corpo, enquanto que a Relacional provoca grande resistência no meio educacional, haja vista não se limitar às questões de cunho pedagógicos em termos de ensino, mas sim, de educação no sentido mais amplo da palavra, ressaltando a importância da atuação preventiva diante de conflitos inconscientes e de demais fatores de risco para o desenvolvimento do indivíduo na busca de uma personalidade mais equilibrada.

### 3.2 principais características diferenciais

A seguir, em forma de tópicos, as principais diferenças entre as duas vertentes da psicomotricidade:

Psicomotricidade Funcional	<ul style="list-style-type: none"><li>A criança imita o modelo do professor;</li><li>A criança não escolhe o fazer;</li><li>A criança é dependente;</li><li>Raramente ocorre contato corporal entre as crianças;</li><li>O enfoque é dualista (ênfase nos aspectos motrizes);</li><li>O paradigma é racionalista;</li><li>O psicomotricista dirige as atividades;</li><li>O psicomotricista atua sozinho;</li><li>O psicomotricista adota uma postura de comando;</li><li>As atividades são pré programadas pelo psicomotricista;</li><li>As atividades são dirigidas;</li></ul>
----------------------------	--



Psicomotricidade Relacional	<p>A criança tem vários modelos;</p> <p>A criança pode brincar livremente;</p> <p>A criança é mais independente;</p> <p>Ocorre contrato corporal do psicomotricista com as crianças e entre elas;</p> <p>A criança é vista como uma totalidade;</p> <p>O paradigma é naturalista (Prazer do movimento);</p> <p>O psicomotricista ajuda, compreende, interage, sugere, propõe e estimula a prática psicomotriz;</p> <p>O psicomotricista pode atuar com a professora da classe;</p> <p>O psicomotricista adota uma postura de escuta;</p> <p>A criança decide o que fazer; As atividades são livres;</p> <p>A verbalização é uma das âncoras do processo pedagógico;</p> <p>A formação pessoal do adulto é requisito para a competência relacional com a criança.</p>
-----------------------------	--

Fonte: NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil – Psicomotricidade: alternativas pedagógicas**. Porto Alegre: Ed. Prodil, 1995

## CONCLUSÃO

Diante da sucinta descrição da trajetória e do desenvolvimento da Psicomotricidade, culminando com o surgimento e o estabelecimento da Psicomotricidade Relacional, alguns de seus principais personagens, podemos inferir que existem olhares e discursos múltiplos sobre a Psicomotricidade. Contudo, tais multiplicidades não trazem divergências elementares, basilares, uma vez que são pautadas em pressupostos comuns da Psicomotricidade. No tocante às áreas de atuação da Psicomotricidade, temos basicamente três: educação, reeducação e terapia psicomotora.

O foco na Psicomotricidade Relacional deveu-se, basicamente, por sua proposta mais holística, na qual o indivíduo é visto de maneira mais ampla, onde seu corpo tem “dimensões” e “funções” ilimitadas, em completa inter-relação com o consciente e inconsciente do sujeito, dentro de uma visão ontogênica, revelando e ressaltando o aspecto pessoal e social do indivíduo,

propondo, respectivamente, a construção da identidade e a construção da cidadania. Ambas as dimensões, subjetiva e social, se interpenetram na dinâmica do trabalho relacional e são construídas com a ajuda do grupo, e, sobretudo, do adulto, mediador do processo educativo.

Forçoso se faz conhecer a corporeidade a fim de entendermos em profundidade o comportamento, aquilo que é expressado, e aquilo que o ambiente transmite. O corpo e o movimento humano necessitam ser entendidos de forma intensa e concreta, para além do simples conhecimento funcional, vez que revelam a subjetividade da forma de pensar, e de se comportar das pessoas.

Inegável e constatável que a expressão do corpo tem tanto e mais significado do que a expressão verbal, pois o gesto corporal remete para além do significado consciente, ou seja, transmite um significado inconsciente que deve ser decodificado

O movimento corporal é a verdadeira e mais genuína expressão do indivíduo. O sentimento, o pensar, a emoção e a compreensão do mundo no qual está inserido, são codificados através de sua corporeidade, demonstrada a todo instante, através do gestual humano, conforme magistralmente sintetizado por Lapierre (1988 p,10): *“Não há ato gratuito; tudo o que é feito espontaneamente tem um sentido, mesmo se este escapa ao próprio interessado.”*

Na mesmíssima direção vem Negrine (1994), afirmando que o movimento humano em sua totalidade considera tanto os aspectos funcionais, como também relacionais, não podendo ser entendido como racional e lógico, e sim possuidor de ações desconhecidas à esfera consciente.

Desta forma, a proposta trazida pela Psicomotricidade Relacional, a nova relação adulto/criança, torna imperioso a participação emocional, sem a qual a comunicação não se realiza. Numa relação puramente verbal, é sempre possível a esterilidade da mesma, pelo simples fato de se poder ficar calado. Já o corpo, é campo sempre “fértil” das relações, pois não se cala jamais: diante de um olhar, no contato com o outro, ele não cessa de emitir

mensagens. Quando desaparece, sua própria ausência constitui ainda uma linguagem.

O estabelecimento e reconhecimento da Psicomotricidade Relacional no ambiente pedagógico, implicando na agregação, na adunação do saber pedagógico ao saber psicológico, conferiram ao espaço escolar uma capacidade e um meio de reparação às suas imensas e antigas dificuldades em considerar a criança como sujeito de necessidade, de desejo e de pensamento. Ainda, e, concomitantemente, estará a Psicomotricidade Relacional contribuindo para a formação de pessoas mais preparadas e estruturadas diante dos prováveis e/ou inevitáveis problemas pessoais, impostos pela vida, por diversos meios, através de um controle melhor de suas emoções, possibilitando-lhe uma inserção mais flexível, criativa e crítica no mundo social em seu aspecto mais amplo.

Em conclusão, temos a Psicomotricidade Relacional como sendo uma forma nova e criativa de possibilitar uma socialização real e coerente, de desenvolver uma autonomia consistente e autoconsciente, na qual ficam superadas as condições passivas, irreflexivas e a perceptiva pessoal e externa, dando espaço para uma postura ativa como agentes de mudança, indutores, e instigadores de novas formas de pensar e de compreender o paradigma da complexidade do viver em todos os seus múltiplos aspectos e meios, construindo gradativamente uma socialização através das fases de evolução do sujeito, obrigando-o a lidar com situações novas, de forma mais criativa e mais adequada ao seu bem estar dentro do seu contexto pessoal e social.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AJURIAGUERRA, Julian. Manual de Psiquiatria Infantil. Rio de Janeiro: Masson do Brasil, 1983

AUCOUTURIER, Bernard. A prática Psicomotora: Reeducação e Terapia. Porto Alegre: Artmed, 1986

AUCOUTURIER, Bernard; LAPIERRE, Andre. A Simbologia do Movimento: Psicomotricidade e Educação. Curitiba: Filosofart e CIAR, 2004.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_ Porto Alegre: Artes Médica, 1986

AUCOUTURIER, Bernard; LAPIERRE, Andre. Bruno: Psicomotricidade e Terapia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

BUENO, Jocian Machado. Psicomotricidade -Teoria & Prática. São Paulo: Lovise, 1998

CABRAL, Suzana Veloso. Psicomotricidade Relacional: Prática Clínica e Escolar. Rio de Janeiro: Revinter, 2001

FONSECA, Vítor. Psicomotricidade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_ . 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996

GUILMAIN, Edouard. Trad. Cardoso, A. F; Cardoso, V. T. Education Psychomotrice et Arriération Mentale. Manoele Ltda, 1960.

LAPIERRE, André; LAPIERRE, Anne. Trad. PEREIRA, M. E. O Adulto Diante da Criança de 0 a 3 anos – Psicomotricidade Relacional e Formação da Personalidade. Curitiba: UFPR: CIAR., 2002

LAPIERRE, André; AUCOUTOURIER, Bemard. Fantasmas Corporais e Prática Psicomotora. São Paulo: Ed. Manole, 1984.

LE BOULCH, Jean . O Desenvolvimento Psicomotor: do Nascimento até os 6 anos. Porto Alegre: Artes Médica, 2001.

LE BOULCH, Jean. Trad. JENI Wolff. Educação Psicomotora: Psicocinética na Idade Escolar. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LEVIN, Esteban. A Clínica Psicomotora: O Corpo na Linguagem. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995

PIAGET, Jean. A Equilibração das Estruturas Cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, Jean. Trad. DIRCEU Accioly Lindoso. Psicologia e Pedagogia -. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1975

PIAGET, Jean. Trad. ÁLVARO Cabral. O Nascimento da Inteligência na Criança -. Rio de Janeiro: Zahar., (1936/1970).

PIAGET, Jean; BARBEL, Inhelde. A Psicologia da Criança 15º edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998I.

SCHINCA, Marta. Psicomotricidade, Ritmo e Expressão Corporal: Exercícios Práticos. São Paulo: Manole, 1991

VIEIRA, José Leopoldo; BATISTA, M. Isabel Batista; LAPIERRE, Anne. Psicomotricidade Relacional: A Teoria de Uma Prática. Curitiba: Filosofart, 2005.

WALLON, Henri. Do ato ao Pensamento. Lisboa: Moraes, 1979

WINNICOT, Donald Woods. O Ambiente e os Processos de Maturação. Porto Alegre: Artes Médica, 1990.

CUNHA, Ruth Maria de Mattos. A Inclusão da Afetividade no Desenvolvimento Humano. Disponível em <http://www.sfiac.org.br/palestras/saude/psicomotri/psicomotri-afet.pdf>, acesso em: 08/2010

ENCICLOPÉDIA SIMPOZIO. Descartes Fundador da Filosofia Moderna. Cap. 4 Filosofia Cartesiana da Natureza, Alma e Moral. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~simpozio/Megahist-filos/Descartes/3686y250.html>, acesso 03/2010

MESQUITA K; ZIMMERMANN E B. Revista Digital Art& - ISSN 1806-2962 - Ano IV - Número 05 - Abril de 2006: Disponível em <http://www.revista.art.br/site-numero-05/trabalhos/01.htm>, acesso em 03/2010

JR, PROF. OSVALDO PESSOA . O Notas sobre Filosofia da Mente:Antigüidade e Idade Média Européias, 2005. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/FG1-05-Resumo-1.pdf>, acesso em 05/2010

ISPE-GAE. Disponível em <http://www.ispegae-oipr.com.br/>, acesso em 07/2010.